SJ007: Notas sobre o anarquismo

* **Título:** *Notas sobre o anarquismo*
* **Autor:** Noam Chomsky
* **Linha fina:** Partindo de clássicos como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Rudolf Rocker, Chomsky defende suas posições políticas em *Notas sobre o anarquismo*, maior compilação de textos seus já publicada sobre o assunto — que teria forjado as bases fundamentais do socialismo libertário
* **Coleção:** Anarc
* **Nacionalidade:** Estadunidense
* **Título original:** Existem os títulos originais em inglês (*Notes on Anarchism* é o título do ensaio que dá nome à edição), mas este livro é uma organização de entrevistas e artigos inédita
* **Copyright:**
  + "Notas sobre o Anarquismo"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia da editora The New Press (thenewpress.com);
  + "A Relevância do Anarco-Sindicalismo"; Tradução: Rodrigo Rosa e Bruna Mantese; Cortesia da editora AKPress (akpress.org);
  + "Anarquismo, Marxismo e Expectativas para o Futuro"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia da revista Red and Black Revolution (flag.blackened.net/revolt/rbr.html);
  + "Metas e Projetos"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia da editora ArtMed (artmed.com.br);
  + "Anarquismo, Intelectuais e Estado"; Tradução: Pablo Ortellado; Cortesia de Pablo Ortellado e André Ryoki Inoue;
  + "Noam Chomsky sobre Anarquismo"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia do portal ZNet (zmag.org);
  + "Reforma e Revolução"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia da Anarcho-Syndicalist Review (syndicalist.org);
  + "Algumas Questões sobre Anarquismo"; Tradução: Felipe Corrêa; Cortesia do portal ZNet (zmag.org);
  + Anarquismo e Poder; Tradução: Felipe Corrêa e Rodrigo Rosa; Cortesia do autor.
* **Categoria:** Filosofia ou Política
  + **BISAC:** [POL042010] CIÊNCIAS POLÍTICAS/Ideologias Políticas/Anarquismo; [POL032000] Ensaios; [LCO020000] COLEÇÕES LITERÁRIAS/Entrevistas;
  + **Thema:** [J] Sociedade e/ou Ciências Sociais; [JPFB] Anarquismo
* **Escola:** Anarquismo
* **Assunto:** Anarquismo; Socialismo; Autoritarismo; Liberdade; Democracia; Estado
* **Edição:** Jorge Sallum
* **Editor assistente:** Paulo Pompermaier
* **Tradução:** Felipe Corrêa, Bruna Mantese, Rodrigo Rosa e Pablo Ortellado
* **Organização:** Felipe Corrêa, Rodrigo Rosa, Bruna Mantese, Pablo Ortellado, Arthur Dantas, Ruy Fernando Cavalheiro
* **Introdução:** Alexandre Samis
* **Preparação e revisão:** Bruna Mantese, Rodrigo Rosa
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 226
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-744-0
* **Data de entrega de arquivos:** 9 de fevereiro de 2024
* **Sobre o livro:** *Notas sobre o anarquismo* é a maior compilação de Noam Chomsky já publicada sobre o assunto. Contando com oito entrevistas e dois artigos, o livro expõe pontos de vista acerca das bases ideológicas que fundamentam sua análise e sua proposta estratégica de transformação social. Partindo de clássicos como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Rudolf Rocker, Chomsky defende suas posições sobre o anarquismo, que teria forjado as bases fundamentais do socialismo libertário, e afirma uma concepção significativamente eclética e antidogmática, cuja filiação ideológica seria proveniente de uma união entre o socialismo e o liberalismo. O socialismo, forjado na liberdade, concilia seus aspectos individuais e coletivos, e qualquer opressão, qualquer autoridade, quando ilegítima, deve ser denunciada e combatida. Chomsky defende que esse é o princípio fundamental do anarquismo: luta e combate às estruturas autoritárias de poder, que são responsáveis pela dominação em todos os níveis. Por isso, critica severamente o socialismo de Estado, levado a cabo pelo marxismo de inspiração leninista, que restringiu severamente os espaços de liberdade, reforçando instituições como o Estado e os partidos. Discutindo estratégias de lutas populares — as quais, segundo acredita, devem conciliar as lutas por reformas, e portanto de curto prazo, com a busca de um horizonte revolucionário de longo prazo —, Chomsky sustenta posições pragmáticas de ganhos em relação às empresas e ao Estado. Ainda assim, para ele, o Estado precisaria ser algumas vezes reforçado, visando impedir tiranias ainda piores, estabelecidas pelos poderes privados das corporações capitalistas.
* **Sobre o autor:** Noam Chomsky (Filadélfia, 1928) é analista político e professor de Linguística no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Além do trabalho na área de linguística, Chomsky é reconhecido internacionalmente como um dos maiores intelectuais vivos da esquerda, tendo publicado centenas de artigos e livros que abordam temas como mídia, movimentos sociais, política e economia global. Muito cedo, aos dez anos de idade, escreveu um texto sobre a Revolução Espanhola, que lhe abriu as portas para um contato mais aproximado com o anarquismo, o qual, já nos anos seguintes, o influenciaria significativamente, fazendo com que se assumisse um socialista libertário. Iniciou seus estudos em linguística e filosofia em 1945 na Universidade da Pensilvânia e chegou a viver algum tempo em um kibbutz, em 1953. Nos anos 1950, iniciou o desenvolvimento de sua teoria sobre a "gramática gerativa", a qual teve um profundo impacto no campo dos estudos linguísticos, fundamentalmente por meio da obra Estruturas sintáticas (Edições 70, 1980), de 1957. Também formulou a chamada "Hierarquia de Chomsky", uma classificação das linguagens formais a partir de seu poder gerativo. Ingressando no MIT em 1955, tornou-se professor titular em 1961, posição que ocupa até os dias de hoje. Adquiriu grande importância e notoriedade a partir da década de 1960 com o artigo "A responsabilidade dos intelectuais", publicado em 1969 no livro *O poder americano e os novos mandarins* (Record, 2006) — uma compilação de artigos críticos à política externa dos Estados Unidos, particularmente levada a cabo na Guerra do Vietnã —, que destaca Chomsky entre os intelectuais dissidentes da esquerda norte-americana. Escreveu, também, sobre o papel propagandista da mídia, publicando, com Edward S. Herman, em 1988, Manufacturing Consent [A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia] (Futura, 2003). Ainda que constantemente ameaçado de morte por razão de seus escritos políticos, Chomsky segue escrevendo e publicando permanentemente no mundo todo. Dentre seus livros publicados no Brasil, estão: *11 de setembro* (Bertrand Brasil, 2003), *Contendo a democracia* (Record, 2003), *O império americano* (Campus, 2004), *Para entender o poder* (Bertrand Brasil, 2005), *O lucro ou as pessoas* (Bertrand Brasil, 2006), *O governo do futuro* (Record, 2007) e *Razões de Estado* (Record, 2008).
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução**
    - Um método "cartesiano" é proposto por ele [Chomsky] para analisar o capitalismo, e, como um "anarquista antiquado", entende que as fronteiras entre o campo inimigo, o do capitalismo, e o da liberdade devem ficar muito bem demarcadas. Assim, a vertente chomskyana pretende definir claramente as regras e os inimigos prioritários da humanidade, pois, "ao brigarmos contra todos deixamos que vençam os piores".
    - As  forças da transformação necessitariam, para a obtenção de seus propósitos, algo mais que apenas o sentimento comum de indignação e revolta. Não bastam para Chomsky apenas espíritos exaltados e uma crítica geral do poder. É necessário entender muito bem contra quem se intenta uma investida e em que direção deve-se desferir o primeiro golpe. Nesse particular, ele coloca-se, em muitos aspectos, em oposição a teorias defendidas por pós-estruturalistas na linha de Foucault, Deleuze, Barthes e outros.
    - Ancorado no princípio defendido por Bertrand Russel de "concepção humanista", Chomsky, a exemplo daquele, acredita na necessidade da criação de condições reais para o surgimento de "cidadãos sábios de uma sociedade livre", na qual "a liberdade e a criatividade individual prosperarão, e os trabalhadores serão mestres de seu destino, não ferramentas de produção". Nesse aspecto, aproxima-se não apenas dos anarcossindicalistas clássicos, como também de marxistas heterodoxos como Pannekoek, Paul Mattick e outros. Preocupa-se, sobremaneira, com a organização dos anarquistas e, apesar de reconhecer neles uma congênita pluralidade, não abre mão da perspectiva dentro da qual sem preparo não há revolução minimamente consequente.
    - Fustigando o seu antagonista, a pregação de Chomsky assume duplo resultado: um mais imediato, a identificação do opressor e outro, um pouco mais lento, a preparação pedagógica dos milhares de insurgentes em potencial, ainda anônimos, em meio ao oceano de rostos que compõem a sociedade moderna.
  + **Capítulo do texto**
    - Aliás, muitos críticos desconsideram o anarquismo por acreditarem que ele é utópico, sem forma, primitivo ou incompatível com as realidades de uma sociedade complexa. No entanto, pode-se argumentar diferentemente: que em todo estágio da história, nossa preocupação deve ser a de desmantelar as formas de autoridade e de opressão, as quais sobrevivem de uma época que podem ter sido justificadas pelas necessidades de segurança, sobrevivência ou desenvolvimento econômico, mas que agora contribuem para — em vez de aliviar — o déficit cultural e material. Neste caso, não existirá doutrina de transformação social fixa para o presente e o futuro, nem mesmo, necessariamente, um conceito imutável e específico dos objetivos para os quais a transformação social deva tender. Certamente, nossa compreensão da natureza do homem ou das possibilidades de modelos sociais viáveis é tão rudimentar, que qualquer doutrina de longo alcance deve ser tratada com grande ceticismo, exatamente como adotamos uma postura cética quando ouvimos que "a natureza humana", "as exigências da eficiência" ou "a complexidade da vida moderna" exigem essa ou aquela forma de opressão e regra autocrática.
    - Um anarquista coerente deve se opor à propriedade privada dos meios de produção e à escravidão salarial, que é um componente desse sistema, considerando-os incompatíveis com o princípio de que o trabalho deve ser livremente empreendido e estar sob o controle dos produtores.
    - Se a presente onda de repressão puder ser contida, se a esquerda puder superar suas tendências mais suicidas e basear-se no que tem sido realizado na última década, então, o problema de como organizar a sociedade industrial em linhas verdadeiramente democráticas, com controle democrático nos locais de trabalho e na comunidade, deve tornar-se uma questão intelectual dominante para aqueles que são sensíveis aos problemas da sociedade contemporânea, e, à medida que um movimento de massa pelo socialismo libertário for se desenvolvendo, a especulação deve passar à ação.
    - Quer dizer: enquanto os indivíduos forem forçados a alugar a si mesmos no mercado, para aqueles que estão dispostos a empregá-los, enquanto seu papel na produção for simplesmente o de instrumentos subservientes, haverá impressionantes elementos de coerção e de opressão, os quais limitam seriamente falarmos de democracia, ainda que isso seja significativo.
    - Creio que o anarquismo só tem sentido ao buscar e identificar estruturas de autoridade, hierarquia e dominação em todos aspectos da vida, e questioná-las; e a não ser que se justifiquem, estas estruturas são ilegítimas e devem ser desmanteladas, visando a extensão da liberdade humana.
    - Minha resposta para o fim da tirania soviética foi similar à minha reação à derrota de Hitler e Mussolini. Em todos os casos, foi uma vitória para a vida humana. Esse fim deveria ter sido particularmente bem-vindo para os socialistas, já que um grande inimigo do socialismo finalmente ruiu.
    - O que é chamado de 'capitalismo' é basicamente um sistema de mercantilismo empresarial, com enormes e incontáveis tiranias privadas exercendo vasto controle sobre a economia, os sistemas políticos e a vida social e cultural, operando em íntima cooperação com os poderosos Estados que intervêm pesadamente na economia doméstica e na sociedade internacional. Isso é dramaticamente verdade nos Estados Unidos, ao contrário da ilusão causada pela propaganda.
    - Tendemos a considerar as estruturas resultantes do poder imutáveis, praticamente como partes da natureza. Elas são tudo menos isso.
    - O projeto anarquista, em particular, em quase toda sua diversidade, vem buscando desmantelar o poder de Estado. Pessoalmente, eu compartilho desse projeto, ainda que isso contrarie diretamente minhas metas. Por isso a tensão à qual me referi anteriormente.
    - Minha meta de curto prazo é defender, e até reforçar elementos da autoridade do Estado que, embora sejam ilegítimos em seus fundamentos, são decisivamente necessários neste momento para impedir os esforços que vêm atacando os progressos que foram conseguidos em benefício da democracia e dos direitos humanos.
    - Foi apenas no recente século XIX que as forças de mercado destrutivas e desumanas, que os criadores do liberalismo clássico condenaram, foram promovidas a objetos de veneração [...]
    - [...] do meu ponto de vista, os movimentos libertários têm sido muito limitados ao aderir à doutrina de maneira fanática, sem preocupação com as consequências humanas. Do meu ponto de vista (e do ponto de vista de alguns outros), o Estado é uma instituição ilegítima. Mas disso não decorre que você não deva apoiar o Estado. Talvez haja uma instituição ainda mais ilegítima, que vai tomar conta se você não apoiar essa instituição ilegítima. Assim, se você se preocupa com as pessoas…
    - Sim, você está certo, havia também um movimento anarquista de esquerda, o movimento anarquista da classe operária. Ele foi em grande medida destruído pela força, quando Emma Goldman foi expulsa do país e Alexander Berkman foi preso. Assim, o movimento libertário de esquerda, da classe operária, foi destruído, mas o movimento libertário de direita foi aplaudido. Não porque as pessoas no poder acreditam nele, mas porque ele é uma arma poderosa.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)